Revista INTERATIVA
ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

O PATRIMÔNIO IMATERIAL DE ITAPIRANGA: CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS DE PESQUISA

Douglas Orestes Franzen[1]
Claudine Machado Badalotti[2]
Gabriel Carpes de Chaves[3]

RESUMO

O artigo analisa a relação do patrimônio imaterial em Itapiranga (SC) com a prática da identidade, da memória e da tradição, através da sua dimensão com a cultura germânica. Objetiva-se tecer uma análise da formação histórica local relacionando germanidade com as práticas culturais perceptíveis na sociedade. A partir disso se pretende colaborar no debate acerca das potencialidades do patrimônio imaterial como valor de cultura e suas dimensões simbólicas.

Palavras-chave: Itapiranga, patrimônio, germanidade.

INTRODUÇÃO

Itapiranga (SC) teve sua colonização oficial iniciada no ano de 1926, sob coordenação da colonizadora *Volksverein* do Rio Grande do Sul. Essa colonizadora era vinculada aos padres jesuítas e pretende implantar no extremo-oeste catarinense um modelo de colonização alicerçado na etnia germânica e na confessionalidade católica. Essa peculiaridade promoveu um modelo de colonização bastante homogêneo, aspecto que condicionou os padrões culturais e sociais da população.

Sob esse viés histórico é que se pretende discutir as dimensões da cultura germânica em Itapiranga e seu potencial vinculador na perspectiva do patrimonial imaterial levando em consideração aspectos de identidade, memória e tradição. Considera-se esse debate relevante no sentido de possibilitar discussões e políticas patrimoniais e culturais para o município de Itapiranga, visto que atualmente se percebe uma valorização do aspecto cultural em âmbito de políticas públicas e de fomento ao turismo. Essa realidade se configura em paralelo a uma

[1]Doutor em História pela UPF. Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Uceff Itapiranga. E-mail: douglas@uceff.edu.br
[2]Mestre em História pela UPF. Graduada de Arquitetura e Urbanismo pela UPF. Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Uceff Itapiranga. E-mail: claudine@uceff.edu.br.
[3]Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Uceff Itapiranga. Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: gabrielchaves96@hotmail.com

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

relativa ausência de uma discussão patrimonial mais significativa e abrangente diante das possibilidades que essa prática oferece.

Nesse sentido, são consideradas algumas manifestações culturais e de tradição para uma análise do seu potencial patrimonial. A seleção delas ocorreu em detrimento das pesquisas realizadas ao longo do ano de 2017 e 2018 e considerou sua representatividade local. As conclusões aqui apresentadas são parciais e ainda estão sendo desenvolvidas em projeto de pesquisa de iniciação científica financiada pela UCEFF Itapiranga.

A COLONIZAÇÃO DE ITAPIRANGA

O projeto de colonização Porto Novo foi idealizado pela Sociedade União Popular, denominada em alemão de *Volksverein*, instituição que coordenou a implantação de outras colônias alemãs no Rio Grande do Sul, vinculado aos Padres Jesuítas, com o objetivo de implantar no extremo oeste de Santa Catarina uma nova fronteira agrícola e social. O empreendimento foi financiado pela Cooperativa de Crédito *Sparkasse*, e fundado oficialmente no ano de 1926. Já no ano de 1928, a colonização recebeu o nome de Itapiranga, atual nome do município, gerando mais tarde a emancipação dos municípios de Tunápolis e São João do Oeste.

A *Volksverein für die deutschen Katholiken von Rio Grande do Sul* não era necessariamente uma empresa de colonização. Era, na verdade, uma entidade associativa fundada para dar assistência à população de descendência alemã e católica no Sul do Brasil. Essa associação chegou a ter no período da Primeira Guerra Mundial cerca de oito mil associados.

A característica do empreendimento Porto Novo era de aceitar somente migrantes que fossem de origem germânica e católica. Nesse sentido, famílias originárias das colônias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compraram terras nessa colônia em busca de novas fronteiras agrícolas, onde as terras já estavam subdivididas e esgotadas. Da mesma forma, adquiriram terras em Porto Novo, imigrantes que fugiam das duras condições de vida em vilarejos europeus, expulsos pelas atrocidades da guerra, pela perseguição étnico-política, ou pelas péssimas condições de vida e de trabalho lá existentes.

O processo de fundação da colônia Porto Novo promoveu a transferência de um local para outro de uma bagagem cultural alicerçada em sujeitos através de uma estrutura socioeconômica e cultural que esses sujeitos trataram de transportar de seu local de origem

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

através das instituições, organizações e no seu estilo de vida. Essa bagagem cultural e social dos migrantes adaptou-se ao meio, às limitações do relativo isolamento percebido no período no extremo oeste catarinense, fazendo com que os sujeitos construíssem uma nova identidade, com fortes traços herdados das colônias de origem, mas com uma nova dinâmica estrutural.

De maneira geral podemos sintetizar a origem dos colonizadores de Porto Novo sob duas perspectivas. A primeira das famílias imigrantes originárias da Alemanha e de colônias alemãs europeias como da região da Bessarábia, os *Deutschrumänen*, e do vale do Rio Danúbio na Iugoslávia, os *Donauschwaben* (JUNGBLUT, 2000). Essas famílias deixaram a Europa motivadas por questões econômicas, políticas e territoriais do cenário conturbado das décadas de 1920 e 1930, sendo significativo o número de imigrantes que se estabeleceram em Porto Novo, principalmente por intermédio de agenciadores e de influência dos padres jesuítas e da *Volksverein* nesses processos imigratórios. A segunda, composta de famílias descendentes da primeira geração de imigrantes alemães do século XIX que se estabeleceram nas colônias velhas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Essas famílias já estavam adaptadas ao território e ao clima brasileiro e deixaram suas regiões de origem motivadas principalmente pela questão fundiária e a degradação das relações produtivas, pela escassez de terras e limitações produtivas (ROCHE, 1969). Além disso, muitas famílias compraram terras em Porto Novo motivados pela propaganda de prosperidade, fartura territorial, de solo e de riqueza natural, além do atrativo étnico e cultural do catolicismo e da germanidade (MAYER, 2016).

Na concepção de Woortmann (1994) a migração de uma colônia velha para uma colônia nova seria um processo de dispersão que minimizaria a pressão demográfica nas primeiras, “fazendo com que o mesmo processo que produz a colônia nova reproduza a colônia velha” (WOORTMANN, 1994, p. 182). Ou seja, nesse processo migratório se reconfiguram conhecimento e vivências simbólicas que estruturam padrões de vida e de compreensões espaço-temporais.

Fato que se pretende destacar é de que havia uma intencionalidade conjectural em se formatar uma colonização homogênea étnica e cultural no local. Essa preocupação já vinha de longa data e o tema se acalorava entre lideranças católicas do *Volksverein*, elemento que se fundia na preocupação em constituir laços matrimoniais entre famílias católicas e alemãs, manutenção de costumes e tradições consideradas de índole cristã, relações comunitárias e sociais que conservassem padrões sociais tradicionais em oposição ao padrão moderno e

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

heterogêneo então em voga no Brasil (WERLE, 2011). Essa preocupação com a homogeneidade étnica e confessional direcionou o desenvolvimento da colonização Porto Novo nas primeiras décadas, modelo que acabou caindo em desuso a partir da década de 1950. Mas é preciso destacar de que esse padrão germânico e católico foi determinante na formatação de um sistema cultural, elemento que constituiu a base de identidade germânica presente na cultura local e que se manifestou na produção arquitetônica que se pretende analisar.

O PATRIMÔNIO IMATERIAL

O sentido de se preservar está relacionado diretamente ao legado para as futuras gerações, aos registros que são capazes de propiciar a compreensão da história para seus descendentes, uma vez que cada pessoa é parte do todo, da comunidade em que vive e nela constrói, juntamente com os demais, a história de uma sociedade, através dos produtos criados e das intervenções com o meio ambiente.

Patrimônio, portanto tem alma, tem vida, tem gente, costumes e saberes, é memória e construção, é documento e cultura. Patrimônio material e imaterial não são elementos separados, tudo que é material no patrimônio tem uma relação com algo imaterial. Assim, preservar o patrimônio cultural de uma sociedade é manter as marcas de sua história no tempo, possibilitando, com isso, a construção e reconhecimento das *identidades*. Trata-se de memória relembrada, capaz de resgatar do esquecimento acontecimentos significativos para a sobrevivência de um grupo, de sua cultura, folclore e etnia. Essa consciência histórica se reconstrói sobre um fundo de esquecimento, pois segundo Tedesco (2011) o passado não pode ser recordado por inteiro, e nem da mesma forma em que foi vivido; a memória não tem essa capacidade de congelamento e cristalização.

O patrimônio imaterial tem uma dimensão direta com a cultura. Na visão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a cultura de um povo engloba as crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. “Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados)” (IPHAN, 2012, p. 7). Na visão do Iphan, o objetivo principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida.

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

A OKTOBERFEST

A Oktoberfest é uma festa que surgiu na Alemanha no início do século XIX na região da Baviera, mais precisamente na cidade de Munique. Assim como qualquer tradição, ela foi uma celebração criada e que acabou se tornando popular com o passar dos anos ao ponto de ter se expandido para várias regiões do mundo, principalmente onde se instalaram imigrantes alemães. A origem da festa na Alemanha se remete ao casamento real entre Ludovico da Baviera e a princesa Teresa de Saxe-Hildburghausen, que ocorreu no mês de Outubro e que se tornou popular e uma tradição anual por ser associado às comemorações de fim de verão e início de Outono na Alemanha. Atualmente a Oktoberfest é uma festival folclórico reconhecido internacionalmente e leva uma multidão de turistas à cidade de Munique.

Em Itapiranga, os registros da primeira edição são datados do ano de 1978, quando, segundo o histórico oficial do evento, um grupo de amigos se reuniu na comunidade de Linha Presidente Becker para iniciar uma comemoração aos moldes da que ocorria na Alemanha. Segundo o histórico do evento, a ideia "foi de realizar uma festa específica da comunidade para cultivar e preservar a cultura alemã" (OKTOBERFEST, 2018). Com esta data, Itapiranga defende a posição de ser o berço nacional da Oktoberfest.

Com essa origem comunitária a Oktoberfest cristaliza um vínculo simbólico e histórico com a Alemanha, no sentido de manifestar uma festa de caráter localizado e restrito a uma comunidade com vínculos de proximidade identitária. Com o passar dos anos, a festa começou a ganhar proporções maiores, passando a ser realizada inclusive na cidade de Itapiranga, onde se construiu um complexo para tal finalidade. Com essa dimensão, a Oktoberfest adentrou num outro campo de ação em relação à dimensão patrimonial, que é o turismo cultural.

Com a dimensão turística potencializada, Itapiranga se encontra diante do dilema de manter vínculos simbólicos de identidade histórica e cultural frente ao processo de mercantilização e comercialização da festa. Nada impede que as dimensões culturais e comerciais sejam aproximadas e se complementem para objetivos comuns. No entanto, à medida que a Oktoberfest se torna um fator de geração de renda através do turismo cultural, há uma fragmentação das identidades comercializadas, ou seja, se constituem elementos de divergência entre simbologias genuinamente culturais e históricas em detrimento de um maniqueísmo imagético que atende ao desejo de se constituir uma "imagem para turista ver".

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

O que se constata é um esforço por manter práticas que fortaleçam o laço entre a festa e a identidade cultural. Esse esforço se cristaliza numa agenda ampla de atividades socioculturais que ampliam o horizonte de abrangência da Oktoberfest, criando vínculos com a comunidade local. Um exemplo é a escolha das soberanas da festa que representam entidades da comunidade itapiranguense. Outra atividade nesse sentido é representada pela escolha do casal Fritz e Frida e do concurso do casal Opa e Oma. Na agenda da festa de 2018 se percebeu também um esforço por realizar atividades culturais o que representa uma iniciativa no sentido de fortalecer os laços da Oktoberfest com a cultura local.

Fato é de que a Oktoberfest simboliza uma festividade de identidade germânica da população local. A festa em si representa um momento que sintetiza toda uma gama de práticas culturais cotidianas, que vão desde hábitos alimentares, celebrações, valores, padrões de comportamento, formas de se vestir e formas de se expressar.

A CULINÁRIA

A culinária, representada através dos alimentares, é um reflexo direto dos padrões de comportamento de determinada cultura. Ela representa formas de vida, representações, técnicas, conhecimentos e saberes, representado através de um alimento. O alimento e sua significação culinária, evoca os sentidos de vida e são um referencial sobre os costumes e as tradições culturais de um povo.

Na concepção de Giustina e Selau, a elaboração dos alimentos envolve técnicas, elementos e artefatos que trazem o conhecimento adquirido no tempo. Segundo os autores, o alimento é considerado um patrimônio cultural, sendo que pode evocar a memória e despertar lembranças de um momento outrora vivido.

> Este conhecimento, se não registrado, pode se perder, com isso gerações futuras não terão oportunidade de conhecer este passado. É importante a preservação deste saber fazer, a manutenção e transmissão continuada do conhecimento adquirido pelos povos, pois assim fortalece a identidade, a cultura e as práticas de seu patrimônio cultural material e imaterial. (GIUSTINA; SELAU, 2009, p. 46)

A culinária é um bem patrimonial que reconfigura com o passar dos tempos. Sendo de valor imaterial, está atrelado à saberes, conhecimentos e técnicas de preparo. Esta perspectiva se torna simbólica quando vislumbramos a imigração, por exemplo. Todo imigrante carrega

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

consigo valores culturais, que se se adaptam ao meio e se reconfiguram no novo espaço de moradia. Essa adaptação ocorre devido ao clima, aos recursos naturais, às condições de vida e de trabalho e principalmente à disponibilidade dos alimentos. Nessa trajetória elementos de referência se perdem mais inúmeros outros se agregam.

Se formos vislumbrar a imigração da Alemanha para o Brasil, percebe-se que houve condicionantes de adaptação à nova realidade vivenciada em território brasileiro. Ou seja, padrões alimentares e culinários originários da Alemanha se perderam ou se reconfiguraram. Em muitos casos houve inclusive um alimento agregado à culinária do imigrante alemão. Temos como exemplo a mandioca, ou aipim. Esse alimento não constava dos hábitos alimentares na Europa e foi agregado aos hábitos alimentares do imigrante em território brasileiro. Poderíamos citar também o feijão e inúmeras frutas e legumes, sem esquecer do chimarrão, uma bebida quente típica do Rio Grande do Sul que foi assimilada pelos alemães e se transformou num hábito alimentar.

Diversos alimentos configuram os hábitos alimentares de tradição germânica em Itapiranga. A colonização e as condições de vida dos colonizadores, principalmente éla inexistência de energia elétrica nas primeiras décadas, impôs muitos determinantes para a produção e principalmente para a conservação de alimentos. Por isso, as conservas ou compotas, representam uma tradição culinária da região. Nesse sentido destaca-se a produção de geleias de frutas (conhecidas em alemão como *schmia)* e as conservas de legumes como pepino, beterraba e repolho (conhecido como chucrute ou *sauerkraut*).

Os derivados da carne também são comuns na culinária alemã. Nas primeiras décadas, devido à falta de energia elétrica, a conservação da carne era feita dentro de uma lata com a banha do porco. Outra tradição comum derivada da carne é a linguiça embutida, tendo diversas variações como a *spritzwurst (linguiça defumada), blutwurst (linguiça de sangue), koppwurst* (conhecida como morcilha).

Conforme Eidt (2011), em Itapiranga os determinantes e condicionantes territoriais forçaram um padrão adaptativo ao meio que afetaram as formas de vida da população. Nesse sentido, as práticas culinárias se readaptaram e se reconfiguraram aos determinantes socioespaciais.

A produção de derivados de farinha de trigo e de milho também são um elemento significativo para o patrimônio culinário local. Os pães, bolos e bolachas são tradições cultivadas pelas famílias de Itapiranga.

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

A cuca, ou *kuchen*, representa um alimento que potencializa a identidade germânica local. Compreender a abrangência da cuca (*kuchen*) é vislumbrar a relação ambígua entra a história, a identidade e os costumes culinários locais. Nas primeiras décadas de colonização, com a escassez de açúcar, a cuca era um alimento preparado para ocasiões especiais, como era a *Kerbfest*, a festa do padroeiro de determinada comunidade católica, um casamento, uma festa comunitária ou no Natal e na Páscoa. A cuca possui inúmeras variações, podendo ser preparada com frutas como a uva, ou até mesmo com doces e geleias.

No ano de 2018 a Prefeitura Municipal de Itapiranga instituiu o "*Dia D Deutschland*", uma iniciativa em parceria com o comércio local visando estimular atividades culturais alusivas à identidade germânica local. Nesse dia o comércio e os restaurantes se organizam para oferecer uma gastronomia típica, aspecto que fortalece o interesse por vincular a identidade histórica ao fomento às práticas de turismo e desenvolvimento econômico de Itapiranga.

Outra iniciativa do poder público municipal foi a edição de um livro com o resgate de receitas culinárias consideradas típicas da cultura alemã de Itapiranga. O livro é composto de receitas de bolachas, biscoitos, bolos, tortas, cucas, sobremesas, pães e salgados diversos e foi elaborado com a colaboração de mulheres que no documentário demonstram as receitas e as formas de preparo desses alimentos. Todas essas iniciativas colaboram no fomento às práticas de conservação da culinária simbólica da colonização, constituindo um elemento vinculador da cultura com a história e a memória.

Na programação da Oktoberfest há o Café Colonial, espaço culinário que serve alimentos vinculados à tradição germânica. Um desses pratos é o *Eisbein*, feito com joelho de porco e acompanhado de purê de batata. Obviamente temos de compreender o *Eisbein* como uma regalia culinária que atualmente é servida como um prato típico de alto valor agregado. Quando imaginamos o preparo desse alimento nas famílias dos colonizadores alemães, em suas práticas cotidianas, temos de vislumbrar um preparo bem mais modesto devido às dificuldades adversas da vida colonial.

O CANTO CORAL

O canto coral é outro elemento significativo para a cultura local. Presente desde os primeiros tempos da colonização é um valor cultural herdado da imigração alemã do século XIX. As sociedades de corais em colônias alemãs do Brasil foram implantadas nos mesmos

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

padrões das *Gesangvereine* e *Singvereine*, muito comuns na Áustria e na Alemanha do século XIX. Na visão de Gabriel e Souza (2017), na Europa essas instituições aglomeraram atividades culturais que até então eram vinculadas à instituições tradicionalmente constituídos e que perderam espaço na sociedade naquele período, como as cortes e as igrejas. No contexto da imigração "imigrantes alemães residentes em diversas regiões brasileiras procuraram perpetuar a tradição dessas sociedades corais europeias no Brasil com a fundação de suas próprias associações em território brasileiro" (GABRIEL; SOUZA, 2017, p. 88).

Em Itapiranga a prática coralista esteve muito atrelada à Igreja Católica, estimulada principalmente pelos padres jesuítas. É preciso destacar de que grande parte da prática do canto coral historicamente esteve atrelada a uma prática cultural sem fundamentação erudita. Ou seja, grande parte dos regentes de coral e dos cantores não possuía uma formação acadêmica. As comunidades que se formaram na colonização de Itapiranga constituíram um padrão social em que a prática religiosa era muito consistente, e nessa dinâmica se formou a tradição coralista, principalmente de vertente sacra.

A maioria das comunidades de Itapiranga possuía seu próprio coral, formado por homens e mulheres. Em alguns casos houve a ocorrência do coral masculino, formados por vozes de homens que se tornou um elemento muito presente na cultura local. Nesse sentido, um elemento muito importante para compreender o canto coral em Itapiranga foram as escolas paroquiais, onde em cada comunidade se instalava uma escola para a educação das crianças e adolescentes. Geralmente, como ocorreu na maioria das comunidades, o professor dessa escola era nomeado pela comunidade e pela colonizadora. O professor era uma personalidade e uma liderança na comunidade, lidava com questões de educação e de cultura, estando à frente de atividades culturais e recreativas, como era, por exemplo, a regência do coral. Nessas escolas paroquiais as crianças tinham instruções musicais e eram estimuladas no canto coral, o que colaborou na formação de uma cultura musical muito consistente (EIDT, 1999).

> "Ter um coral para cantar nas missas era uma questão religiosa, mas também fazia bem ao ego dos habitantes locais, visto que a falta de um coral na comunidade diminuía a imagem da mesma e da sua gente. Nos anos 70, foram introduzidas as Associações Corais, as quais filiaram todos os simpatizantes e interessados, formando um órgão administrativo e mantenedor do coral. Neste esquema, o direito elementar do sócio aparece *in memoriam et in réquiem*, pois terá a presença do coral após a sua morte, na missa do seu enterro ou na de algum familiar seu" (JUNGBLUT, 2000, p. 354)

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

A prática do coral representa um elemento muito significativo para a cultura local. Está inserida no cotidiano das comunidades, nas práticas simbólicas e nas celebrações no espaço rural e urbano. Durante grande parte da história de Itapiranga, principalmente com a ausência da energia elétrica e da televisão, o canto representou um elo de pertencimento e de identidade, onde as pessoas se reuniam para cantar e celebrar. Nesse sentido, o canto coral é uma das várias manifestações musicais herdadas historicamente e ressignificadas pela dinâmica da cultura.

O canto cria laços afetivos e sensoriais com a história, mantêm vivo um sentimento de identidade e de pertencimento, a lembrança de um passado, das gerações antecessoras, da memória do imigrante e da terra natal Alemanha. Nesse sentido, o canto coral tem um papel significativo na dinâmica do patrimônio imaterial, porque permeia vários elementos significantes da identidade e da memória local. A identidade é uma construção social que se fundamenta na diferença, nos processos de alteridade ou de diferenciação simbólica. Para Arévalo, "a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si" (ARÉVALO, 2004, p. 934).

No ano de 1964 foi fundada a Liga Cultural e Artística de Coros da Fronteira, entidade que engloba os corais de diversos municípios da região Extremo-Oeste de Santa Catarina. Em Itapiranga a entidade que coordena as atividades dos corais é a Associação Itapiranguense de Coros (Ascorita), que engloba treze corais do município. O fortalecimento dessas entidades demonstra o quão significativo é o canto coral para a história local permeando a concepção de patrimônio imaterial e sua relação de proximidade com a identidade cultural.

OS GRUPOS DE DANÇA FOLCLÓRICA ALEMÃ

Os grupos folclóricos são muito atuantes no município de Itapiranga e de maneira geral, nas regiões de colonização germânica no Brasil. Na nossa análise consideramos os grupos folclóricos que se formam em torno da dança como elemento cultural formador de uma identidade. Nesse sentido, é importante perceber que os sujeitos que participam desses grupos compõe uma gama étnica bem variada, que reconhecem sua identidade histórica pela lembrança de antepassados, por comentários e influência de avós. Ou seja, o que se constata em Itapiranga é de que existem pessoas de ascendência cultural diversa, mas que encontra no grupo folclórico um elemento convergente de identidade germânica, onde se constituem

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

amizades, aproximações afetivas que se cristalizam na prática da dança e da convivência grupal.

Já discutimos essa perspectiva da identidade e da necessidade de pertencimento a um grupo. Todavia, é preciso considerar a força e o potencial desses grupos folclóricos em Itapiranga. São grupos muito bem estruturados, associados e articulados com a comunidade. Participam de atividades culturais e organização de eventos inserindo-se na comunidade local de forma consistente, legitimando-se através da prática simbólica da dança e sua relação com a condição dos sujeitos no contexto cultural. Dessa forma se constitui uma condição de identidade étnica germânica, simbolizada através da dança e sua relação afetiva com o grupo e a sociedade, permeando uma rede identitária que se materializa nas práticas da tradição.

Conforme Schnonart,

> Os motivos para a participação em grupos étnicos são a união entre iguais, a diferenciação, a valorização, a revelação de posições sociais e de poder, a promoção do autoconhecimento, a revelação de uma forma de auto-expressão e a orientação de gostos, padrões de consumo e padrões de comportamento. Pode-se dizer que um alemão da Alemanha considera-se alemão como substantivo, enquanto um descendente de alemão considera-se brasileiro como substantivo e alemão como adjetivo. Ele é brasileiro, só que, como todos ao seu redor também são brasileiros, ele utiliza o adjetivo "alemão" para destacar-se dos demais. (SCHONART, 2008, p. 4)

A questão da identidade germânica através da dança precisa ser compreendida em sua dimensão imaterial e da sua abrangência. Dança envolve movimento, expressão corporal, envolve fantasia e perspectiva. Engloba toda uma gama de comportamentos e padrões culturais que perpassam pela vestimenta, pela expressão e linguagem corporal, pela música, pelo ritmo da dança. Essa é uma questão muito relevante se formos conceber a dança folclórica como um patrimônio imaterial, pois, ela transcende espaços e temporalidades, envolve modos de viver e constituir a realidade.

Através da expressão da dança, os grupos folclóricos alemães exteriorizam a identidade germânica, onde a linguagem corporal manifestada pela dança e complementada pela coreografia e pela vestimenta expressa um valor de cultura. Na visão de Serres, "em qualquer atividade a que nos dedicamos, o corpo é o suporte da intuição, da memória, do saber, do trabalho e, sobretudo, da invenção" (SERRES, 2004, p. 36).

A vestimenta é um elemento fundamental para compreender a dança folclórica alemã. Chamada popularmente de traje típico, a vestimenta germânica apresentada pelos grupos

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

folclóricos é um elemento de uma peculiaridade significativa. Não se vê os integrantes dos grupos folclóricos usarem os trajes típicos de forma usual no cotidiano, no trabalho ou no lazer. O traje típico é usado em datas festivas, como a Oktoberfest, ou quando ocorre uma apresentação do grupo folclórico. Caracteriza-se como elemento cultural vinculado às tradições originárias da Alemanha e que são reproduzidas nas colônias alemãs do Brasil. O traje típico é utilizado em um momento de celebração ou de festividade, em um momento simbólico e representativo para a identidade germânica.

O traje típico germânico é composto de uma combinação de elementos e de cores que o caracteriza e constitui a identidade. Koch e Woltz apontam que os códigos e as simbologias dos trajes típicos se vinculam à determinada região da Alemanha sendo que as cores utilizadas manifestam sentimentos humanos: “a preta, como símbolo de seriedade, muito usada em eventos importantes, encontros com autoridades e também usada por religiosos; a amarela, como símbolo de dinheiro e riqueza da família; a vermelha, como representação do amor; a verde, a esperança; a azul, a felicidade; e, por fim, a branca, a pureza” (KOCH; WOLTZ, 2015, p. 101).

Os grupos folclóricos germânicos, em Itapiranga vinculados à Associação Cultural, Alemã e Folclórica de Itapiranga (Acafi), são a representação simbólica da manifestação cultural da população no aspecto da tradição germânica. Através deles se personificam práticas, se manifestam componentes culturais que se enraízam no cotidiano das pessoas. A dança, por exemplo, é um elemento coreográfico que tem uma relação direta com a música alemã. Nesse sentido, se percebe também uma exponencialização das tradições musicais alemãs, através de bandinhas e orquestras, através da programação das rádios locais e dos gostos musicais da população. Através desses elementos se criam laços muito significativos com a identidade histórica, tornando representativa a dimensão patrimonial dessas manifestações de tradição.

A LÍNGUA ALEMÃ

As expressões de linguagem e as formas de expressão representam uma manifestação patrimonial imaterial dos povos. A linguagem é herdada de geração e, geração e simboliza uma manifestação cultural. Assim como qualquer outro valor de cultura, está imune ao tempo e é ressignificada e reinterpretada com o passar dos tempos.

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

Em Itapiranga há uma manifestação muito significativa da língua alemã através do dialeto *Hunsrückish*. Consideramos essa perspectiva porque a bibliografia acerca da imigração alemã parece estabelecer um consenso de que grande parte dos imigrantes que se instalou no Brasil é originária da região chamada de *Hunsrück*, localizada na região Sudeste da Alemanha, no Estado Renânia-Palatinado nas proximidades dos rios Mosel e Reno, na divisa atual da Alemanha, França e Luxemburgo. Como a linguagem se manifesta através da prática cotidiana, convencionaremos de que preponderantemente o hunrükisch é o dialeto alemão preponderante em Itapiranga. Isso não é uma regra, visto que a origem dos colonizadores alemães de Itapiranga é bastante diversa, mas para fins de análise considera-se essa hipótese.

Ruscheinsky (2014) em seu estudo sobre a língua alemã na região de Itapiranga adota uma análise bastante coerente na definição de língua materna, minoritária e de imigração. Sobre a língua materna enfatiza o fato de ser a primeira língua apreendida em casa, na família e por isso provida de um valor afetivo próprio. Sobre a língua minoritária entende de que sejam todas as manifestações linguísticas que não seja a oficial ou nacional, no nosso caso, o português. Sobre a língua da imigração entende de que são as manifestações linguísticas vinculadas ao processo imigratório, vinculadas ao seio familiar e comunitário, "dos seus antepassados, imigrantes de países europeus (Alemanha, Itália, Polônia) ou asiático (Japão). Dessa forma, a variedade do português usada por esses falantes carrega marcas linguísticas identitárias da outra variedade linguística por eles falada" (RUSCHEINSKY, 2014, p. 18).

Nesse sentido, a língua alemã praticada em Itapiranga assume um caráter de relevância patrimonial, sendo um elemento de significado histórico e cultural, que se mantêm vivo nas práticas cotidianas. Há de se considerar que a variante linguística está atrelada a uma série de determinantes, onde a migração é um deles. Ou seja, dentre as inúmeras colonizações alemães existentes no território brasileiro, cada região constituiu um dialeto próprio, com variações diversas. Schneiders (2017) considera vários outros fatores para essa variação linguística do alemão como a localidade, as classes sociais, as gerações mais velhas e mais novas, a sexualidade e o gênero, a diarreligiosa (católica e luterana, por exemplo). Todas essas dimensões afetam segundo Schneiders (2017), os formatos da linguagem com variações diversificadas, mas que mantêm um padrão de identidade com a língua materna: o alemão.

Há de se considerar de que a língua é um valor de herança cultural, mas que está atrelada a determinismos temporais que podem ameaçar sua condição histórica e de valor de cultura. Como exemplo podemos considerar o contexto da nacionalização do ensino da

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

década de 1930, quando através de uma determinação governamental e da inserção do Brasil na Segunda Guerra Mundial, foram proibidas línguas e manifestações culturais oriundas de países "inimigos" como o alemão, o italiano e o japonês. Esse episódio provocou uma verdadeira desestruturação da identidade germânica nas colônias alemãs do Sul do Brasil. Em Itapiranga não foi diferente, onde essa medida afetou práticas culturais, relações familiares, práticas de ensino escolar e manifestações variadas da identidade germânica (EIDT, 2009).

Mesmo diante desse contexto histórico, que foi determinante para a perda de muitos elementos de identidade germânica, a língua e outras práticas culturais se mantiveram vivas e se fortaleceram novamente a partir da década de 1950 com o término da Segunda Guerra Mundial. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 no Brasil, se fortaleceram as identidades locais e se garantiu instrumentos jurídicos de valorização da diversidade cultural. Isso proporcionou uma valorização dos valores culturais das minorias, exponencializando e valorizando a diversidade cultural.

Nesse contexto, se percebe atualmente em Itapiranga um estímulo na manutenção e prática de valores culturais germânicos, inclusive da língua. Diversas iniciativas demonstram essa realidade, que vão desde a inserção do alemão no currículo das escolas, até a percepção da língua alemã em fachadas de lojas, em nomes de instituições e empresas, na existência de programas de rádio transmitidos em alemão.

CONCLUSÃO

A colonização de Itapiranga baseada na confessionalidade católica e na etnicidade germânica constituiu um padrão cultural que se reflete na atualidade através das manifestações do patrimônio imaterial. Pela sua dinâmica e a abrangência, o patrimônio imaterial se manifesta no cotidiano através de rituais, celebrações, formas de vida e expressão simbólica, conhecimentos e saberes que constituem um corpo sociocultural significativo.

O patrimônio imaterial de referência germânica é perceptível em Itapiranga e deve servir como referencial para políticas públicas de estímulo e preservação da cultura, além de ser significativo como fomento ao turismo. A legitimidade do patrimônio imaterial consiste no reconhecimento da sociedade sobre determinado bem, que através da cultura torna simbólicas as relações em sociedade.

ISSN 2525-2712 / Nº 4 / Ano 2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÉVALO. J. M. La tradición, el Patrimônio y la identidad. In: **Revista de estúdios extremeños,** Vol 60, nº 3, p. 925-955, 2004.

EIDT, Paulino. **Os sinos se dobram por Alfredo**. Chapecó: Argos, 2009.

_____. **Projeto Porto Novo:** utopia ou etnocentrismo? In: Revista Esboços, v. 18, n. 25, p. 184-211, ago 2011.

GABRIEL, Ana Paula; SOUZA, Susana Cecília. Martin Braunwieser (1990-1991) e sociedades corais alemãs de São Paulo: práticas de repertório europeu. In: VIDEIRA, Mário; DE OLIVEIRA, Ísis Biazioli (Orgs.). **Anais da Jornada Acadêmica Discente do Programa de Pós Graduação em Música ECA/USP.** São Paulo: ECA-USP, 2017, p. 86-97.

GIUSTINA, Adelina Padilha; SELAU, Maurício da Silva. A culinária como patrimônio cultural imaterial. In: **Cadernos do CEOM**, p. 45-67, ano 23, n. 31, 2009.

JUNGBLUT, Roque. **Documentário Histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Íris Gráfica e Editora, 2000.

IPHAN. **Patrimônio cultural imaterial:** para saber mais. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: Iphan, 2012.

KOCH, Bárbara; WOLTZ, Ana Maria. A simbologia dos trajes alemães e a transposição de seus elementos para moda em festividades típicas. In: **Revista Moda Palavra e-Periódico**. vol.8, n.15, jan./jul. p. 97-120, 2015.

OKTOBERFEST. História. Site oficial do evento. Disponível em <https://oktoberfestitapiranga.com.br/historia/>. Acesso em 23/10/2018.

RUSCHEINSKY, Elena W. **"Uma vez" falando em alemão:** o uso da variante no português falado em Itapiranga e São João do Oeste-SC. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFFS, Chapecó, 2014.

SCHONART, Marceli. Comunicação e dança: a construção da identidade étnica alemã através dos Grupos de Danças Folclóricos Alemães de Estrela. In: **Anais IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Guarapuava, p. 1-15, 2008.

SCHNEIDERS, Michele. **Macroanálise pluridimensional da variação (Gurke/Kummer) e Pfirsich/Pesch) como indicadores de normatividade e/ou dialetalidade do hunsrükisch.** 110 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFFS, Chapecó, 2017.

WERLE, André. **Porto Novo:** o reino jesuítico germânico no oeste de Santa Catarina. Curitiba: CRV, 2011.